

Etnomatemática e o Assentamento Rural Che-Guevara: pulsões de sobrevivência e transcendência no saber/fazer do assentado

Ethnomathematics and the Che-Guevara Rural Settlement: drives for survival and transcendence in the settler's knowledge/practice

Lilian de Campos Marinho Cruz
Universidade Federal de Goiás (UFG), Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Itaberaí, GO, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-4462-4934>, liliandecamposmarinho@gmail.com

Rodrigo Bastos Daúde
Universidade Estadual de Goiás (UEG), Curso de Licenciatura em Matemática, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás, GO, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-3371-3480>, rodrigo.daude@ueg.br

Informações do Artigo

Como citar este artigo

CRUZ, Lilian de Campos Marinho; DAÚDE, Rodrigo Bastos. Etnomatemática e o Assentamento Rural Che-Guevara: pulsões de sobrevivência e transcendência no saber/fazer do assentado. **REMAT: Revista Eletrônica da Matemática**, Bento Gonçalves, RS, v. 7, n. 1, p. e2004, 25 fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.35819/remat2021v7i1id4176>



Histórico do Artigo

Submissão: 4 de maio de 2020
Aceite: 10 de novembro de 2020

Palavras-chave

Etnomatemática
Assentamento Rural
Sobrevivência
Transcendência
Cultura

Resumo

Este trabalho refere-se a uma pesquisa realizada junto a um grupo de assentados do Assentamento Che-Guevara, localizado no município de Itaberaí/GO. Objetivou-se analisar nas relações sociais (pulsão de transcendência) e produtivas (pulsão de sobrevivência) os pressupostos da Etnomatemática no assentamento Che-Guevara. Foi mediada pelos seguintes questionamentos: De que modo a geração, organização (social e intelectual) e difusão de conhecimentos, por vezes matematizada, imbuída de importância sociocultural e essencial para a permanência na desses assentados na região, pode ser observada/presenciada/compreendida? E a partir de quais instituições sociais, nas quais os assentados atuam ativamente pelo compartilhamento de conhecimentos e comportamentos compatibilizados que os identificam e caracterizam como um grupo sociocultural? Ao entender que nas atividades produtivas e relações sociais há troca de saberes e fazeres (por vezes matemático) perguntou-se nesta pesquisa: Quais os processos de geração, organização (social e intelectual) e difusão do conhecimento matemático no sistema cultural do assentamento Che-Guevara em Itaberaí/Goiás? Para isso, nos respaldamos em D'Ambrosio (2002), principal pesquisador brasileiro diante do Programa Etnomatemática e sistema cultural que se constitui pela pulsão de sobrevivência e transcendência, Bergamasco e Norder (1996), Medeiros e Leite (1999) sobre a formação de assentamentos rurais brasileiros e relações sociais, Bertti (2002) e Araújo (2005), que apontam os assentamentos como instituições formativas, além de Santana (2008) que descreve a história de formação do Assentamento Che-Guevara e a trajetória de luta dos assentados. A metodologia que estruturou a pesquisa baseou-se na Etnografia: observações e entrevistas. Ao analisar as entrevistas, percebemos que os assentados não reconhecem em suas tarefas do dia a dia o conhecimento matemático, não se organizam de forma coletiva como fora no acampamento e as atividades desenvolvidas são na maioria das vezes individuais, composta por conhecimentos originados no meio familiar, segundo os assentados. Os assentados constituem-se uma comunidade sociocultural que possui suas particularidades e se estruturou pelo compartilhamento de ideais sobre a luta pela terra, que favoreceu a compatibilização de comportamentos e, portanto,

a consecução de saberes e fazeres próprios dessa comunidade – sua cultura.

Keywords

Ethnomathematics
Rural Settlement
Survival
Transcendence
Culture

Abstract

This work refers to a research accomplish with a group of settlers from the Che-Guevara Settlement, situated of the county of Itaberáí/GO. The objective was to analyze in social relations (transcendence drive) and productive (survival drive) the presupposed of ethnomathematics in the Che-Guevara settlement. It was mediated by the following questions: How the generation, organization (social and intellectual) and dissemination of knowledge, sometimes mathematized, imbued with sociocultural importance and essential for the permanence those settled in the region, can be observed/witnessed/understood? And from which social institutions, in which the settlers act actively by sharing knowledge and compatible behaviors that identify and characterize as a sociocultural group? To understand that in productive activities and social relations there is exchange of knowledge and practices (sometimes mathematician), asked in this research: What are the processes of generation, organization (social and intellectual) and diffusion from mathematical knowledge in cultural system of Che-Guevara settlement in Itaberáí/GO? Thereunto, we support in D'Ambrosio (2002), main Brazilian researcher on the Ethnomathematics Program and cultural system that constitutes of drive survival and transcendence, Bergamasco and Norder (1996), Medeiros and Leite (1999) about the formation of Brazilian rural settlements and social relations, Bertti (2002) and Araújo (2005) that indicate the settlements as formative institutions, besides Santana (2008) that describes the history of formation from Che-Guevara Settlement and the trajectory of settlers struggle. The methodology that structured the research was based on Ethnography: observations and interviews. By analyzing the interviews, we realize that the settlers do not recognize mathematical knowledge in their daily tasks, they are not organized collectively as outside the camp and the activities developed are mostly individual, composed of knowledge originated in the family environment, according to the settlers. The settlers constitute a sociocultural community that has its peculiarities and was structured by the sharing of ideals about the struggle for land that favored the compatibility of behaviors and, therefore, the achievement of knowledge and actions that belong to this community – its culture.

1. Introdução

A pesquisa apresentada tem como objeto de estudo o saber/fazer matemático de assentados do Assentamento Rural Che-Guevara – localizado próximo à cidade de Itaberáí/GO. Este assentamento, como em tantos outros, expressa uma historicidade construída pelo compartilhamento de conhecimentos e compatibilização de comportamentos entre trabalhadores e suas famílias, oriundos de várias regiões do estado goiano que se corporifica mediante o espírito de luta pela terra.

Sabe-se que a formação dos assentamentos rurais brasileiros carrega consigo um vasto processo histórico envolvido na luta pela reforma agrária, violência e movimentos sociais, berço de conceitos mediados pela nova identidade que carregam os trabalhadores sem-terra e os

trabalhadores já assentados. Ao referir-se à sua história carregada de significado, logo se pergunta: Onde? E como? De que modo a geração, organização (social e intelectual) e difusão de conhecimentos, por vezes matematizada, imbuída de importância sociocultural e essencial para a permanência na desses assentados na região, pode ser observada/presenciada/compreendida? E a partir de quais instituições sociais, os assentados atuam mediante o compartilhamento de conhecimentos e comportamentos compatibilizados, que os identifica e caracteriza-os como um grupo sociocultural?

De acordo com os questionamentos pontuados, o objetivo desta investigação se deu em analisar nas relações sociais (pulsão de transcendência) e produtivas (pulsão de sobrevivência) os pressupostos da Etnomatemática no assentamento Che-Guevara. Para isto buscou-se conhecer sua formação e processo de conquista da terra, bem como as instituições formativas perceptíveis no assentamento, evidenciando as atividades sociais e produtivas. Ao entender que nas atividades produtivas e relações sociais há troca de saberes e fazeres (por vezes matemático) perguntou-se: Quais os processos de geração, organização (social e intelectual) e difusão do conhecimento matemático no sistema cultural do assentamento Che-Guevara em Itaberai/Goiás?

Para esse movimento investigativo baseamo-nos metodologicamente em uma pesquisa de cunho etnográfico, por acreditar que é no dia a dia, vivendo o campo de pesquisa que poderíamos investigar a comunidade cultural (LUDKE; ANDRÉ, 1986, FLICK, 2009, ANGROSINO, 2009). Estando no assentamento, a ferramenta para produção e coleta de dados foi a entrevista, que segundo Minayo (2016), permite liberdade ao diálogo podendo ser imbuída de roteiros e perguntas abertas determinando o caminho a ser percorrido. Após os dados recolhidos, realizamos análises comparativas à literatura apresentada, promovendo assim um diálogo entre a realidade do Assentamento Che-Guevara e os diversos estudos apresentados sobre Etnomatemática, bem como identificando os pressupostos etnomatemáticos que subsidiam a geração, organização e difusão dos conhecimentos característicos dessa comunidade de assentados.

2. Assentamentos rurais

Os assentamentos rurais surgem como uma forma de (re)organização territorial, instrumento tomado como meio do requerimento de igualdade na distribuição de terras: de um lado o Estado com o intuito de conter conflitos no campo sobre a posse de terras e, do outro, trabalhadores sem-terra que buscam o sustento familiar. Luta que, para os trabalhadores, não se finda com a aquisição da terra, pois produzir, emancipar-se e estruturar socioeconomicamente sua permanência no meio rural carece de uma diversidade de fatores que os órgãos responsáveis não conseguem suprir. Quando tratamos de assentamento rural, indiretamente nos referimos a temas polêmicos sobre reforma agrária, política agrícola e política fundiária. Assunto de um contexto histórico brasileiro que nunca resolveu a questão da democratização da terra. Refere-se aos

assentamentos a partir do Estatuto da Terra (BRASIL, 1964) e os significados que ganhou na década de 1980.

A criação de assentamentos reflete a amenização de conflitos, desemprego, êxodo rural e invasão de terras. Uma desigualdade vivenciada pelo trabalhador, que se inicia com a exploração territorial, sob mão de obra barata por grandes fazendeiros, o meio urbano passa a centralizar a busca por melhores condições de vida. Por volta das décadas de 1940, 1950 e 1960, os centros urbanos se veem aglomerados, tendo como consequência uma demanda maior de trabalhadores do que a oferta de empregos – ocasionando o desemprego. Vários trabalhadores sem condições de permanência no meio urbano resolvem retornar à área rural e buscam uma distribuição democrática de terras (BERGAMASCO; NORDER, 1996).

Os assentamentos são definidos pelo Estado como uma organização territorial de trabalhadores do campo ou da cidade, ou seja, a “colocação” de uma família numa unidade agrícola para suprir suas necessidades sociais, promovendo crescimento econômico tanto da família quanto da região atendida, objetivando a produtividade de terras que anteriormente se definiam como improdutivas. Bergamasco e Norder (1996, p. 7) definem os assentamentos como “[...] a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra”. Mesmo que o Estado defina teoricamente os assentamentos como novas unidades de produção agrícola, que beneficia e proporciona vários mecanismos aos assentados, sabe-se que na prática isso não acontece, pois promove apenas uma organização territorial que amenize situações de conflitos (BERGAMASCO; NORDER, 1996).

O ponto de vista dos assentados é diferente, os assentamentos rurais se configuram como uma oportunidade de sobrevivência, alimento e sustento familiar. Deste lado persiste a oportunidade de conseguirem: alimento, moradia, terra, trabalho e justiça social (BERGAMASCO; NORDER, 1996). Um ponto de esperança. Para eles, o essencial é a posse desse chão, o que fazer dele estrutura uma nova luta diante subsídios, auxílio técnico e aceitação social por outras comunidades não vinculadas à assentamentos rurais. De modo geral, os assentados buscam apoio mútuo internamente como forma de agrupamento e força nas suas mais diversas dimensões. Sua organização se baseia nas diversas relações sociais e produtivas fruto de suas experiências, compartilhando saberes e fazeres, compatibilizando comportamentos – antes, durante e após o período de acampamento. Diante disso, apresenta-se a seguir a história social do Projeto de Assentamento (P. A.) Che-Guevara, Itaberai/GO.

3. História social do P. A. Che-Guevara

A história do P. A. Che-Guevara, iniciou-se no dia 23 de março de 1996, quando um grupo de 300 famílias ocupou a fazenda de Marcelo Malzoni, denominada Fazenda Santa Rosa¹ (nome o qual ainda alguns denominam o assentamento), esta ocupação representou a primeira no município de Itaberaí/GO (SANTANA, 2008).

Famílias oriundas de alguns municípios do estado de Goiás, como: Cidade de Goiás, Uruana, Itapuranga, Heitoraí, Uruíta, Inhumas, Trindade, Santa Rosa de Goiás e Campinaçu. Encontraram um lugar que possivelmente poderiam tomar posse e que, segundo Bergamasco e Norder (1996), representaria mais do que uma sobrevivência temporária às famílias que perderam a terra e voltaram a ter acesso a um pedaço de chão, mas a oportunidade de recriarem seu espaço de desenvolvimento familiar, profissional, cultural e social.

Todo o processo de luta fora travado tanto com o dono da fazenda recusando a aquisição pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), quanto com policiais que impediam o acesso ou saída dos acampados. Em uma das vezes, em que integrantes do grupo foram presos, companheiros deitaram-se literalmente sobre a rodovia (GO-156) como forma de manifestação, além de queimarem máquinas “patrol” (utilizadas para o patrolamento das estradas). Acampamentos em locais estratégicos foram formados. Lavouras comunitárias foram cultivadas para o sustento das famílias. O compartilhamento de saberes e fazeres se deram na luta e conquista do espaço rural.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi um dos principais movimentos a incentivar os trabalhadores a se acamparem e permanecerem na Fazenda Santa Rosa, além de outros movimentos como: Comissão Pastoral da Terra (CPT), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (FETAEG). Segundo Santos (2007) os movimentos contribuíram para a permanência dos acampados na Fazenda Santa Rosa, promovendo palestras, ensinamentos para a valorização da terra e de que forma atuariam após a emissão de posse.

Segundo Mendonça (2001), os acampados permaneceram por longos dois anos, dois meses e três dias, até que, no dia 26 de maio de 1998, após muita tensão e luta, recebem a notícia comunicada pelos oficiais de justiça e representantes do INCRA de que não haveria mais perigo de despejo, pois acabavam de mudar sua posição de “Sem-Terra” para “Com-Terra”. Dois anos depois, já em 2000, a então Fazenda Santa Rosa, veio a se tornar o Assentamento P. A. Che-Guevara, quando então as parcelas foram distribuídas aos assentados. Segundo Santos (2007), o nome atribuído ao assentamento de “Che-Guevara”, reflete influências dos movimentos sociais que apontam a necessidade de se fazer referência a grandes líderes revolucionários.

¹ A área total desta fazenda era de 4.219,39 hectares.

Comumente, o vínculo afetivo entre as famílias dos assentados promoveu a permanência e resistência frente às adversidades naturais ou provocadas pelos sujeitos que foram contra a apropriação da terra. Durante o processo de posse da terra construíram-se laços afetivos que permanecem após a posse. Evidenciar as relações sociais no assentamento é caminhar sobre um dos pressupostos que sustentam o Programa Etnomatemática: a pulsão de transcendência, já que o compartilhamento de saberes não se desenvolve unicamente sobre as atividades produtivas, mas às crenças e valores que são compatibilizados com a vivência dentro da mesma comunidade cultural.

3.1. Relações sociais no assentamento

Todas as experiências vivenciadas e compartilhadas entre as famílias, antes, durante e após o período de acampamento, seus costumes e valores, se envolvendo nas novas situações rotineiras, produziram momentos de ensino e aprendizado e, por isso, estabeleceram uma coletividade necessária à sobrevivência tanto no acampamento como posterior a ele.

A luta pelo acesso à terra, desde a formação do grupo até a organização dos assentamentos rurais produziu um aprendizado e gerou saberes para os atores sociais que participaram desse enfrentamento; nesse sentido construíram um saber social. (BERTTI, 2002, p. 84).

Durante o período em que os assentados permaneceram acampados, desenvolveram diversos conhecimentos matemáticos, por exemplo, na construção de barracas, com a necessidade de conhecimentos sobre espaço e geometria – desenvolvidos e aprimorados (ARAÚJO, 2005) – e, influenciados pela experiência de cada família. Além dos ensinamentos que vinham, por exemplo, pela crença nas fases da lua, nas divindades, festividades religiosas, estratégias para a construção do acampamento e o plantio de lavouras que não fossem impedidos pelo fazendeiro e seus subordinados, mas, sobretudo difusão de saberes e fazeres em estratégias próprias de seu grupo cultural. Constroem sua própria Matemática, sua Etnomatemática. Bertti (2002) apresenta em seu trabalho relatos de assentados, descrevendo e confirmando a ideia de que o processo de ensino/aprendizagem se inicia e evidencia principalmente no período do acampamento, durante as atividades que começam a ser praticadas coletivamente, bem como nos valores que são compartilhados.

De acordo com Araújo (2005) os assentamentos rurais se constituem como um novo espaço educativo às famílias seja nas atividades produtivas do lote, e/ou no paiol, na igreja e no salão social. Por mais que se tenha presença no assentamento, por exemplo, da escola – a troca de saberes e fazeres sociais não ficam restritos a ela, mas também nas particularidades dos lotes e em todos os lugares que se estabelecem relações sociais e produtivas – bem como as culturais.

As relações sociais entre os assentados representam atitudes desenvolvidas para eternizarem seus conhecimentos sobre a terra e a vida, a fim de que ocorra a troca de experiências e crenças, além da força de trabalho entre os mesmos, revelando a difusão recíproca

de saberes e fazeres culturais adquiridos de experiências que revelam seu valor cultural e uma gama de conhecimentos. Quando esses conhecimentos são compartilhados e novos sistemas de valores são construídos pelo grupo mediante comportamentos e crenças compatibilizadas, caracteriza-se cultura, como explica D'Ambrosio (2002, p. 18-19),

Ao reconhecer que os indivíduos de uma nação, de uma comunidade, de um grupo compartilham seus conhecimentos, tais como a linguagem, os sistemas de explicações, os mitos e cultos, a culinária, e os costumes, e têm seus comportamentos compatibilizados e subordinados a sistemas de valores acordados pelo grupo, dizemos que esses indivíduos pertencem a uma cultura.

Um novo sistema de valores é construído pelo grupo mediante aos saberes e fazeres característicos de cada sujeito, mas que passam a ser compartilhados e acordados entre si. Bem como influenciado pela necessidade do homem em agir sobre o seu meio, impulsionado pela pulsão de sobrevivência e transcendência, reconhecendo a necessidade do “aqui e agora”, bem como do “passado e do futuro”, segundo as palavras de Ubiratan D'Ambrosio (1999).

Quando se toca nos conhecimentos construídos e desenvolvidos pela necessidade das atividades produtivas, tal como se desenvolve a leitura, escrita e análise para o manuseio de alguns produtos agrícolas, nesse percurso nos deparamos com os evidentes pressupostos etnomatemáticos: pulsão de sobrevivência e pulsão de transcendência. Araújo (2005, p. 3) descreve que por meio da “[...] resolução de problemas como o entendimento de instruções técnicas de produtos e de novos projetos”, que se evidencia a leitura, já escrita “[...] se faz necessária no compartilhamento de ideias, na redação de lista de coisas a comprar com o dinheiro do financiamento que às vezes pinga” (ARAÚJO, 2005, p. 3).

De acordo com a literatura, os assentados se organizam por meio de relações associativas, resquícios dos movimentos populares, principalmente do MST, que valorizam o trabalho coletivo. Segundo Medeiros e Leite (1999) essas formas de associatividade vindas da época de acampamento, referem-se à consideração de um grupo familiar, refletindo na organização produtiva de cada família. Contudo, vários assentados, por opção própria, trabalham individualmente em seus lotes sem depender de forma direta dos demais, porém a consecução do sistema cultural evidencia na prática particular os valores acordados pelo grupo e, por isso, não atuam de forma independente em seus lotes.

Estes saberes e fazeres estruturam as relações sociais e produtivas, e são carregados de significados caracterizados na luta pela terra. Araújo (2005) descreve que esses aspectos são de homens e mulheres que conseguem reconhecer e refletir sobre a situação que estão vivendo e de como agir diante das circunstâncias encontradas. Acrescenta ainda que essa ocupação territorial: “[...] lhes ensina coisas sobre organização e união e o planejamento/construção de suas barracas de lona preta rememora e cria conhecimentos sobre espaço e geometria, sobre a vida na roça, no campo, talvez enterrados no passado longínquo” (ARAÚJO, 2005, p. 2).

Se perguntássemos sobre a utilização de conhecimentos matemáticos no decorrer do dia, possivelmente não citariam cenas tão simples, como as citadas no parágrafo anterior, ou afirmariam seu desuso no dia a dia. Muitas das vezes não percebem a riqueza cultural presente em suas particularidades que, posteriormente, serão transmitidas e desenvolvidas pelas próximas gerações, que tomarão decisões sobre a vida no campo e sua permanência. Esse todo pode ser composto, tal como na confecção de instrumentos para trabalhar, na dosagem de defensivos, no espaçamento entre plantas durante o plantio, quantidade de adubação, trato dos animais, construções de paiol, curral ou até puxadinhos para se guardar os instrumentos utilizados na roça. De modo geral são atividades peculiares desse grupo sociocultural, o qual se incluem camponeses e agricultores familiares e a Etnomatemática dá conta de compreender e explicar essa produção, organização (social e intelectual) e a difusão desses conhecimentos.

4. Etnomatemática

O Programa Etnomatemática traz reflexões sobre o conhecimento matemático de diferentes culturas, o qual deve ser compreendido em conjunto no saber e fazer do grupo sociocultural. Percebendo que quaisquer características descrevem sua especificidade cultural e para que compreenda estes aspectos e relacione-se ao objeto em estudo deste trabalho, discute-se sua história, seguida de seu conceito e as relações de aprendizagem que este programa reafirma, relacionando-as com as atividades no assentamento. Nesse sentido acreditamos promover reflexões quanto à geração, organização (social e intelectual) e a difusão do conhecimento matemático.

Sobre a origem especificamente do termo Etnomatemática, mesmo que tenha sido cunhado em um congresso internacional, se concebeu em uma viagem realizada por Ubiratan D'Ambrosio, ao Mali (África), na década de 1970, como integrante de um projeto educativo da UNESCO (KNIJNIK, 2002). Segundo Melo *et al.* (2011, p. 3), complementa tal origem ao apresentar uma citação de D'Ambrosio (1993):

Nas conversas que eu tinha com doutorandos, pessoal de alto nível, culturalmente ligado à sua realidade, eles me mostraram que aquela Matemática de Primeiro Mundo levada à eles não tinha nada que ver, na sua origem, com a tradição deles. Os malinenses, que são mulçumanos, construíram grandes mesquitas típicas deles, de pau-a-pique. Estão de pé há mais de 500 anos... Eles tiveram os arquitetos deles, os urbanizadores deles, que fizeram coisas maravilhosas com uma matemática muito própria, com soluções diferentes das nossas para problemas comuns a todos os povos. Então comecei a estudar muita Antropologia, História Comparativa, para entender melhor esse fenômeno, que, claro, não se aplica somente pela Matemática. (D'AMBROSIO, 1993, *apud* MELO *et al.*, 2011, p. 3).

A presente situação declarada e vivenciada por Ubiratan D'Ambrosio exemplifica satisfatoriamente a necessidade de compreendermos a importância dos conhecimentos que são difundidos pelos diversos grupos culturais que, por mais que não se assemelhem aos nossos, refletem e persuadem sua transcendência no decorrer dos tempos. Para os malinenses, não

haveria um conhecimento superior ao deles, ideia oriunda das experiências que se permitiram por seus valores e crenças cultuadas, bem como das experiências que se difundiram por gerações, compatibilizadas via organização social e intelectual.

Conforme exposto por Passos (2008) o termo Etnomatemática foi utilizado pela primeira vez por D'Ambrosio em 1978, na Finlândia durante o Encontro Anual da Associação Americana para a Promoção da Ciência, mas ainda não tinha o sentido que hoje lhe é atribuído, já que fazia referência à Matemática de outras culturas, principalmente aquelas sem escrita ou marginalizadas pela sociedade. D'Ambrosio, em 1984 que viria a cunhar e conceituar o estudo de situações semelhantes por ele vivenciada como Etnomatemática. Partindo disso, Passos (2008) esclarece que:

[...] no Quinto Congresso Internacional de Educação Matemática (ICME-5), realizado em Adelaide – Austrália-, em 1984, evidenciou-se 'uma tendência definitiva em direção aos interesses socioculturais na educação matemática. Questões sobre "Matemática e Sociedade", "Matemática para todos", a crescente ênfase na "História da Matemática e sua Pedagogia"[...] foram marcadas pela emergência da nova área da Matemática. (D'AMBROSIO, 2007b, p. 176 *apud* PASSOS, 2008, p. 39).

Interesses socioculturais que foram reprimidos por grupos dominantes, como é o caso de algumas regiões da Europa conseguiram "interromper" conhecimentos de comunidades excluídas e marginalizadas, por mais que tenha havido essa tentativa da quebra de barreiras socioeconômicas (SILVA, 2013). Como relata Knijnik (2003), a Etnomatemática tem suas raízes ligadas ao movimento de Educação Popular, que se desenvolveu na África e América Latina por volta de 1960, que visava atingir cidadãos que necessitavam de atenção, quanto a sua valorização social e cultural. Emergiam-se anseios sobre discutir a exclusão por parte dos pesquisadores e usarem os conhecimentos científicos para que ali pudesse de alguma forma transformar.

Etnomatemática deixa de ser somente um campo de estudo que analisa as diferentes matemáticas existentes nos diversos grupos culturais, mas passa a compreender como se dão os processos que definem a forma como o conhecimento é "adquirido" pelos sujeitos, estudando as relações sociais e práticas que se integram aos seus processos educativos e a transmissão de conhecimento. Complementando, D'Ambrosio (1990, p. 9) explica bem o que seria a Etnomatemática, como faz neste trecho:

Etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos.

Um olhar social para as comunidades no intuito de evidenciar e demonstrar preocupações com diferentes culturas, provocando sua própria ação de ser social, de cuidado, de ética, justiça, ao perceber o valor social de cada indivíduo, reconhecendo outras formas de pensar (como o matemático), encorajando reflexões sobre a natureza do conhecimento sob as dimensões

cognitiva, histórica, social e pedagógica - objetivo do Programa Etnomatemática. Melo *et al.* (2011, p. 3) discorrem que:

Para conceituar Etnomatemática, D'Ambrosio identifica a aventura da espécie humana através da aquisição de estilos de comportamentos e conhecimentos para sobreviver e transcender nos diferentes ambientes ocupados por ela, isto é, na aquisição de modos, estilos, artes e técnicas de explicar, aprender, conhecer e lidar com o ambiente natural, social, cultural e imaginário.

Aquisição de comportamentos e conhecimentos para que os grupos culturais consigam atuar de forma significativa sobre seu meio, suprimindo suas necessidades e difundindo seus saberes e fazeres, estes diretamente influenciáveis pelas crenças e valores por eles acordados. Na vida com seus anseios e perspectivas que a espécie humana se transcende e se caracteriza culturalmente. Sendo assim, nas palavras de D'Ambrosio (2002, p. 60):

Indivíduos e povos têm, ao longo de sua existência e história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, instrumentos materiais e intelectuais (que chamo ticas) para explicar, entender, conhecer, aprender para Saber e Fazer (que chamo de matema) como resposta à necessidade de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais (que chamo de etnos).

Cada grupo social desenvolve culturalmente meios concretos e/ou intelectuais para conseguirem entender, explicar, desenvolver, manusear os diferentes aspectos do espaço em que vivem, na forma que possam aproveitar e se desenvolverem da melhor forma possível e assim possibilitam a organização social/intelectual do grupo em que compartilham conhecimentos e compatibilizam comportamentos. A Etnomatemática ou “etno”, “matema” e “tica”, descreve não somente a valorização do conhecimento matemático de cada grupo cultural, mas uma totalidade de saberes e fazeres que deve ser valorizada, pois são próprios de cada cultura.

Baseando-se na compreensão do “saber/fazer matemático” destas culturas permite que se perceba a riqueza cultural existente e o quanto a Matemática envolvida, mesmo que não seja reconhecida em um espaço formal ou científico, é totalmente necessária para o grupo de indivíduos. Concordar que, os diversos grupos socioculturais existentes, nas várias maneiras e costumes que desenvolvem suas atividades, constroem novos conhecimentos que por vezes é matemático nos faz perceber a complexidade de sua fundamentação, que vai além da identificação simbólica ou numérica que desenvolveram e utilizam, mas considerar que as ações/estilos/técnicas que desenvolvem como forma de sobrevivência e transcendência são consideradas pressupostos Etnomatemáticos.

5. Pesquisa de campo

Cada sujeito é produto das experiências e perspectivas que tem em sua vida e da comunidade cultural da qual faz parte. Seus comportamentos se associam ao seu conhecimento que se modifica pela presença do outro. O outro interfere significativamente e quando

compatibiliza seus saberes e fazeres dá origem à novas pulsões de sobrevivência e transcendência que os caracterizarão como um grupo sociocultural.

5.1. Procedimentos metodológicos

O processo de obtenção de dados analisados percorreu um processo imensurável (não pôde ser quantificado, somente comparado), onde os resultados foram ordenados em grupos qualitativos, pois analisamos a história, a luta, as ideias e o conhecimento, envolvidos nos comportamentos compatibilizados entre os assentados em seu novo sistema cultural. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) descrevem o processo de interpretação necessário às pesquisas qualitativas, crendo que pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores, com comportamentos cheios de significado e sentidos que não são imediatamente assimilados, mas sim desvendados.

Como a pesquisa possui pressupostos etnomatemáticos realizou-se uma pesquisa de campo do tipo etnográfica, segundo Spradley (1979), esse tipo de pesquisa deve ser compreendida como a descrição de uma cultura, de modo que o investigador analise as vivências de seus pesquisados sobre seus próprios pontos de vista, que neste caso são os assentados. Ludke e André (1986), Flick (2009) e Angrosino (2009) discutem toda a estrutura que particulariza pesquisas de cunho etnográfico, nas quais estar com o interlocutor e fazer do seu comportamento o novo direcionamento de suas hipóteses, se torna fundamental. André e Fazenda (2010) relatam sobre o contato direto e prolongado que este estudo proporciona ao pesquisador com a situação e as pessoas ou grupos selecionados, pois a presente pesquisa caminhou por uma longa trajetória junto aos assentados (observações e entrevistas), a fim de conhecer a história de origem do assentamento, para que possa, após a coleta de dados, ser comparada às pesquisas bibliográficas já realizadas.

Junto à etnografia, a observação participante é o principal subsídio para o encontro do pesquisador junto aos dados a serem coletados. De acordo com Fiorentini e Lorenzato (2012, p. 107) a observação participante “[...] é uma estratégia que envolve não só a observação direta, mas todo um conjunto de técnicas metodológicas”, a mesma será registrada no diário de bordo, já que nele “[...] o pesquisador registra observações de fenômenos, faz descrições de pessoas e cenários, descreve episódios ou retrata diálogos” (ibid., p. 119). A principal ferramenta para coleta dos dados foi a entrevista, que segundo Minayo (2016) é a estratégia mais usada no trabalho de campo, é um caminho de conversa a dois, ou entre diversos interlocutores, por iniciativa dos entrevistados, dentro de uma finalidade. Esse diálogo construído será o objeto principal de investigação. O tipo de entrevista utilizada foi a semiestruturada.

Nisto toma-se por objetivo da entrevista, conhecer a geração, a organização social e intelectual e a difusão do conhecimento matemático dos assentados, tendo como pressupostos que o mesmo se constrói a partir de relações sociais, que foram vivenciadas na luta e nas atuais

instituições formativas presentes dentro ou fora do assentamento, no compartilhamento de conhecimentos e nos comportamentos compatibilizados. Os sujeitos para a coleta de dados foram assentados e assentadas que participaram de todas as fases: organização, ocupação, distribuição de lotes e que ainda se encontravam resididos no assentamento em questão – seis sujeitos – homens e mulheres de diferentes faixas etárias.

Os dados foram analisados qualitativamente, tendo como suporte as várias ideias de autores que produzem nas seguintes temáticas: assentamentos rurais, relações sociais, saberes e fazeres próprios de grupos culturais – Etnomatemática. Compreendemos a possibilidade de categorias explicativas mediante os dados colhidos, sendo assim, para análise foram construídos quatro eixos temáticos: Geração e organização do saber/fazer matemático no acampamento; Atividades desenvolvidas em seus lotes; Geração e organização do saber/fazer matemático no lote; Relações sociais.

5.2. Geração e organização do saber/fazer matemático no acampamento

Os assentados, durante o acampamento vivenciam situações que modificam sua concepção de vida, tanto na adaptação ao acampamento, como na forma de organização semelhante à familiar, quanto à mudança para a realização e tomadas de decisões que incluem um todo coletivo. Vários saberes e fazeres matemáticos são colocados em prática durante a organização de um acampamento, como a construção de barracas. A organização social e intelectual se compatibiliza pela seleção das estratégias mais satisfatórias ao grupo, como na realização de tarefas coletivas, nos cuidados com a alimentação, higienização dos utensílios, banho, entre outros. Esse novo sistema cultural mediado pelas circunstâncias da luta pela terra foi necessário para que conseguissem se organizar, permanecer e reproduzir um novo estilo de vida, com suas particularidades.

Ao perguntar-lhes sobre as atividades que eram desenvolvidas de forma individual e coletiva, pontuaram as lavouras comunitárias, momentos de lazer e os cuidados com os barracos, como em E2, E3 e E6²:

– *Coletivamente era quando nós ia plantar lavoura e individual era quando ia cuidar do barraco.* (E2).

– *Bão, se tratando de atividades, eu acredito que as atividades mais praticadas era o plantio que tinha e a prática de esportes também fazia parte dos processos, que eu me lembro é esses.* (E3).

– *Individual, assim, eu fazia era pegar carroça, levar almoço e coletivamente era o futebol.* (E6).

As falas dos entrevistados evidenciam o que Bergamasco e Norder (1996) dizem a respeito sobre a importância do trabalho coletivo, característico do momento de ocupação. Os assentados deixam evidente a satisfação de vivenciarem o período de acampamento que por

² Iremos usar os termos E1, E2, E3, E4, E5 e E6 para designar os entrevistados.

mais que tenha sido conflituoso permitiu que o grupo selecionasse estratégias de união. Essa coletividade é subsidiada por líderes dos movimentos sociais, como o MST.

Pontuaram também as atividades festivas, religiosas, não importando a denominação, segundo E4:

– Eu acho assim, que quando eu tava acampado, eu sempre era da animação, sempre tocava violão, participava da igreja, inclusive a gente, eu tocava tanto pra nossa igreja católica tanto pra igreja evangélica, que tinham os evangélicos também que tavam tudo em oração, a gente fazia essas atividades e individualmente eu gostava muito de tocar violão, cantar e escrever poesia. (E4).

Isso mostra a presença marcante de várias congregações religiosas no ambiente do acampamento, permitindo entender a heterogeneidade com a qual o grupo lidava. Nota-se que os assentados, a partir de seus relatos, demonstraram organização social a intelectual quanto na relação com a sua família, bem como com as outras famílias. Durante as entrevistas mencionaram a presença de conflitos, típico de um conjunto de pessoas com opiniões diferentes, mesmo que lutem pelos mesmos ideais.

Nesse prisma emerge o conceito de cultura como um conjunto de saberes e fazeres que são compartilhados e compatibilizados por grupos, compreender como entendem a coletividade de um grupo e que tipo de saberes e fazeres foram se apoderando durante a presença do outro permite identificar que, enquanto grupo e perceber no outro a diferença, mas aceitá-la como normal representa o convite para a participação, a aceitação das suas particularidades se difundindo com os demais.

Quando argumentado sobre a geração do conhecimento, especificamente matemático, alguns entrevistados não relacionaram ao período em que estiveram acampados. Disseram não recordar, relacionando assim à escola³ e à família, boa parte dos assentados vivenciaram esse período de ocupação ainda adolescentes, apontando que a geração dos ensinamentos compartilhados fora mediada pelo chefe do lar, como descreveu o entrevistado E2:

– Como naquela época nós não estudava, então era pai que ensinava nós mesmo, num tinha escola, quando nós veio da Bahia nós não estudava, chegou aqui nós não estudou ai logo entrou na luta, aí foi passado pelo pai. (E2).

Sob análise deste eixo temático, as falas dos assentados evidenciaram a correlação com a geração do conhecimento oriunda de situações anteriores ao acampamento. O acampamento, para os assentados, representou um momento de compartilhamento de saberes e fazeres, mas não acreditam que esse período influenciou na geração de novos saberes e fazeres. Eles não notaram, mas em suas falas apontam que a igreja, os movimentos sociais e principalmente a família, como instituições formativas. Vários comportamentos foram compatibilizados e ao longo dos dois anos de ocupação conseguiram estruturar um sistema cultural.

Quando ao interlocutor é permitido refletir sobre a origem de seus saberes e fazeres, questionando-se sobre a importância de suas vivências, a família se torna a principal “instituição”

³ Este mesmo assentado relata que teve um aprendizado bastante significativo após o assentamento.

formativa, mais que outras, nesta o parentesco influência nas escolhas, crenças e tradições. Enquanto para outros seus valores se tornam mitos, na família os valores se tornam reais, se corporificam em uma práxis social.

5.3. Atividades desenvolvidas em seus lotes

Acredita-se que a pulsão de sobrevivência caminha subsidiada pela pulsão de transcendência. Este segundo eixo temático – Atividades no lote – foi proposto como forma de incentivar o destaque ao conhecimento matemático inerente ao saber/fazer das lidas no campo. Organização de lavouras, gado leiteiro, criação de animais para corte, venda de mão de obra para outros lotes. Sabe-se que a aquisição dos lotes reflete mais que a aquisição de terras, mas de estilos e técnicas que foram compartilhadas e compatibilizadas antes e durante a ocupação.

As práticas no lote requisitam uma coletividade, que muitas das vezes é negada pelo assentado, ao acreditar que se o vizinho não compartilha do mesmo trabalho, na lida com a terra no seu lote, então o realiza individualmente. Bergamasco e Norder (1996) apontam que a colaboração dos vizinhos pode se dar de diversas formas, como a mão de obra, troca de dias ou até pagamento diário, quinzenal ou mensal.

Quando lhes perguntado sobre os tipos de atividades desenvolvidas em seus lotes, obtivemos as seguintes respostas que são apresentadas em Quadro 1 para fins comparativos.

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas no lote.

| <i>Entrevistados</i> | <i>Produção de Leite</i> | <i>Lavouras</i> | <i>Porcos/Galinhas</i> |
|----------------------|--------------------------|-----------------|------------------------|
| E1 | SIM | SIM | NÃO |
| E2 | SIM | NÃO | NÃO |
| E3 | SIM | SIM | NÃO |
| E4 | SIM | NÃO | NÃO |
| E5 | NÃO | SIM | NÃO |
| E6 | SIM | SIM | SIM |

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

No aspecto sobre lavouras, as respostas indicaram plantações de mandioca e maracujá, bem como “várias agriculturas”, demonstrando a realização de uma variedade de atividades para o complemento da renda e, conseqüentemente, para o sustento familiar. Há predominância da produção de leite por ser representada como uma atividade extra que não demanda tanto tempo, podendo complementar com a criação de porcos e galinhas – tanto para consumo como para a comercialização.

Gaboard Júnior (2013) apresenta em sua pesquisa que, 70% dos alimentos da mesa dos brasileiros saem da pequena produção familiar. Machado (2014) apresenta em seu trabalho a grande importância das feiras na zona urbana. Constituem uma relação de necessidades: assentados ao conseguirem comercializar seus alimentos e aos clientes, por conseguirem produtos de qualidade e conhecimento da procedência dos mesmos.

As atividades realizadas no lote se diversificam quanto à adaptação, costume e presença familiar, mesmo que durante o acampamento tenham se submetido a um conjunto de saberes e fizer como um grupo. A vida no lote, as técnicas utilizadas para a sobrevivência são produto do compartilhamento de conhecimentos antes e durante o acampamento. A diversidade de atividades representa a busca pelas inúmeras possibilidades de sobrevivência que o lote garante, o compartilhamento de conhecimentos em atividades semelhantes permitiu que as relações entre os assentados se fortificassem. Olhar-se e não se reconhecerem enquanto grupo problematiza a questão de sociabilidade, além de questionar sobre o que seria necessário para se constituírem enquanto grupo. Compreendemos que a compatibilização de saberes e fazeres enquanto estiveram “juntos” permite uma estrutura rígida enquanto grupo. Compartilham hoje de uma representação social como assentados.

5.4. Geração e organização do saber/fazer matemático no lote

As atividades no lote refletem os processos de luta vivenciados durante o período do acampamento, conhecimentos enriquecidos culturalmente. A geração de novos conhecimentos matemáticos devido a alguma necessidade no lote pode ocorrer frequentemente, pode se dar pela compatibilização de comportamentos entre os assentados, pela busca de recursos nos centros urbanos, ou ainda aqueles que por conta própria e fazendo uso da internet⁴, tentam sanar suas dúvidas.

A geração e a organização do saber/fazer matemático pode referir-se desde as atividades produtivas como aos momentos de lazer da comunidade, que podem ser estabelecidas fora do próprio lote, como a participação em momentos religiosos, práticas de algum esporte, o passeio nas casas de vizinhos, feiras, lavouras coletivas, participação em sindicatos. Este eixo procurou desvendar como os assentados percebem o conhecimento matemático presente nas atividades do dia a dia. Ao perguntar-lhes, se as atividades desenvolvidas no lote envolviam e/ou necessitavam de algum conhecimento matemático, mencionaram da seguinte forma:

- *Tem que ter né, como é calculado? Tudo é calculado.* (E1).
- *Precisa.* (E2).
- *Acredito que sim.* (E3).
- *Envolvei sim, vários cursos, manejo do gado, então a gente participou muito, eu tive participando muitas de reunião e aprendeu um pouco.* (E4).
- *Toda atividade requer algum tipo de conhecimento.* (E6).

A concepção do saber/fazer matemático não se encontra inerente à prática, na visão dos assentados, por mais que estivessem a “[...] todo instante, [...] comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando [...]” (D’AMBRÓSIO, 2002, p. 22). Não lhes é

⁴Entrevistado E6 mencionou durante diálogos, que várias de suas dúvidas relacionadas à produção de suas lavouras, busca acompanhamento em vários sites, referentes ao preparo da terra, adubação, defensivos, colheita e comercialização.

perceptível que as formas, técnicas que utilizam para sobreviver e transcender se caracterizam como saberes e fazeres inerentes ao conhecimento matemático. Nas observações e conversas tidas anteriormente às entrevistas, bem como a apresentação da esquematização de perguntas, questionavam sobre o que poderia ser “conhecimento matemático”, afinal, não percebiam esse processo destacado acima por D’Ambrosio.

É bom lembrar que podem surgir duas situações para que os sujeitos da entrevista respondam que existe e conhecem a Matemática nas suas atividades ou que não consigam visualizá-la. Aqueles que admitem a existência da Matemática podem ter sido influenciados pela própria atividade de pesquisa, bate-papo e também que este movimento de perguntas e respostas os levem a refletir com mais frequência sobre a Matemática em sua rotina. Outro elemento importante foi à empolgação quando fomos listando situações, contextos em que a Matemática era usada por eles, isto deu envergadura nas respostas que eles iam trazendo, ao ponto deles mesmos exemplificarem situações novas não mencionadas.

Ao perguntarmos sobre a geração do conhecimento matemático, nenhum dos entrevistados mencionou o período em que estiveram acampados, pelas atividades envolvidas ou ainda pela troca de experiências com os demais trabalhadores. Mencionaram uma origem caracterizada pelo familiar, uma difusão ocorrida principalmente pelo chefe da família. Argumentaram ainda que estudaram na escola, mas em nenhum momento apontaram que a escola propiciou ensinamentos para promover a permanência no meio rural.

O assentado quando olha para si e não percebe o desenvolvimento de um leque de conhecimentos, se torna mais grupo como tantos outros em que a concepção de saber se particulariza numa visão eurocêntrica exposta em ambientes formais de ensino, que pouco ou exclui saberes e fazeres de classes marginalizadas como as são dos assentados, bem como a que pertenciam e hoje transformados.

5.5. Relações sociais

As diversas atividades realizadas no lote ou fora dele, individuais ou coletivas promovem aprendizado, conhecimentos, compartilhamentos de conhecimentos que se modificam com a presença do outro. As relações sociais fazem parte da necessidade humana e já se inicia durante o nascimento, ao necessitar de alimento e cuidado. Culturalmente somos levados a encontrar soluções no outro, principalmente quando lhe falta algum conhecimento que se passa a ansiar. Ao demonstrar a necessidade do outro, entende-se que à medida que se contribui espera-se que a reciprocidade. As relações sociais se dão tanto entre o grupo sociocultural como com outras comunidades.

A troca de favores, o compartilhamento de conhecimentos, que se dá em qualquer diálogo presente. Mesmo que os indivíduos não queiram, inconscientemente difundem seus saberes aqueles que o rodeiam, uma gama de valores e crenças transparece no posicionamento do sujeito

diante situações. Os conhecimentos que possui influenciam nos seus posicionamentos e atitudes e aqueles ao seu redor podem observar e partir disso serem modificados.

As relações sociais presentes na formação de um assentamento vêm carregadas de valores culturais, sofrimento, luta, dúvidas, desistências, circunstâncias que modificam o modo como encaram a realidade. Ao perguntar-lhes sobre a relação com os demais assentados durante o período de acampamento, todos os entrevistados apontaram o momento de união que todo o processo de luta provocou, por exemplo, o entrevistado E6:

– Como em todo lugar sempre tem os que a gente relaciona melhor como não, mas num contexto geral, é uma relação bacana, de muita cumplicidade, por que esse período que passamos é de muita carência e a galera unida tem mais possibilidades de conseguir recursos pra todos e todos acabam sendo beneficiados. (E6)

O entrevistado menciona ainda que a união durante o acampamento acaba resultando no acompanhamento dos movimentos sociais e muitas das vezes a igreja ajuda com cestas básicas, favorecendo a todos os envolvidos. Os assentados percebem a importância durante a fase do acampamento e da união que o mesmo provocou, porém ao perguntarmos sobre a participação de vizinhos atualmente nas atividades desenvolvidas em seus lotes, aproximadamente 16% dos entrevistados apontaram existir relação com os vizinhos, seja na troca de dias ou mutirão. As falas dos entrevistados refletem a ideia mencionada por Medeiros e Leite (1999), que mesmo que se recordem das diversas formas associativas presentes durante o acampamento, vários assentados por opção própria trabalham individualmente em seus lotes, sem depender dos demais. Contudo, a compatibilização de comportamentos, característicos do sistema cultural indica saberes e fazeres compartilhados e a atuação no lote deixa de se revelar individualista.

Um dos entrevistados (E2) mencionou ainda que a relação com os assentados é diretamente influenciada pela compra e venda de lotes:

– Uai, pelo, assim, os que entrou e estão com nós até hoje, nós tem relação boa e depois que ganhou a terra muitos vendeu né, aí não tem relação com comprador não, só os que é do assentamento mesmo. (E2).

O posicionamento de E2 é discutido por Bertti (2002, p. 93):

[...] que essas substituições de parceleiros acabam por prejudicar o todo o assentamento, pois, quem chega depois não vivenciou o processo de conquista da terra, não participou da luta, não faz parte do grupo original. Isso atrapalha a organização coletiva de assentamento [...].

A comunidade sociocultural passa a ser interferida por integrantes que não participaram do processo de luta e por isso não compartilharão dos mesmos saberes e fazeres. Essa ruptura promove a redução do círculo relacional e acaba por contribuir com novos princípios a comunidade cultural, que compreendendo a possibilidade de venda acaba por atribuir a terra um valor que interfere na crença sobre um pedaço de chão como possibilidade do sustento familiar, da democratização das terras, da política fundiária.

O sistema cultural dos assentados continua se transformando, a parcela ao lado é ocupada por um comprador, a terra deixa de ter valor simbólico como sinônimo de luta e passa a ser representada pelo valor comercializável.

6. Considerações finais

Durante a realização da pesquisa, que se iniciou com as leituras dos referenciais teóricos fomos sendo motivados pelos diversos trabalhos apresentados na área, além de perceber por meio do convívio social que os assentados estudados transparecem diversos valores culturais, imbuídos de diversos aspectos e especificidades, que os fazem pertencer a um sistema cultural próprio do assentamento. Isto é o que se denomina de sistema cultural.

Pontuamos que, contrariando a literatura apresentada sobre a coletividade requisitada pelos assentados como resqúcio dos movimentos sociais, os assentados não se recordam dos saberes e fazeres que impactam os seus próprios modos durante o período em que estiveram acampados⁵. Os assentados consideram como origem do conhecimento necessário para suas atividades produtivas, oriundos das relações familiares. Além do mais, gerou incômodo sobre não perceberem o conhecimento matemático inerente às suas atividades diárias e nas relações sociais estabelecidas.

Ao retomar ao objetivo de pesquisa, sendo o mesmo: “analisar nas relações sociais (pulsão de transcendência) e produtivas (pulsão de sobrevivência) os pressupostos da etnomatemática no assentamento Che-Guevara”, percebeu-se que os assentados representam comunidades socioculturais com especificidades próprias e que dão abertura à compatibilização de comportamentos pelos mesmos ideais buscados: a terra. A família representa a principal instituição formativa e dela que se inicia os primeiros contatos com o mundo e a consecução de crenças, que ao longo das situações vivenciadas e perspectivas almejadas vão se difundindo. Agir coletivamente passa a ser uma necessidade e atuar nesse compartilhamento de conhecimentos indica a transformação no sujeito quanto à busca pelo pertencimento do grupo.

Neste sentido, admitimos que o objetivo da pesquisa foi alcançado pois pudemos perceber que no sistema cultural do assentamento Che-Guevara pudemos compreender como a relações sociais e produtivas foram tecidas, em um primeiro nível pela família, depois igreja, escola e na relação com os vizinhos. A própria cultura dos assentados, estabelecida, “forjada” nas relações sociais e produtivas, materialmente se constroem na transmissão de pai para filho, de uma tradição religiosa, do professor para o aluno e do vizinho mais experiente para outro.

Na problematização da pesquisa, quais os processos de geração, organização (social e intelectual) e difusão do conhecimento matemático no sistema cultural do assentamento Che-Guevara em Itaberai/Goiás? Destaca-se a forte presença do seio familiar, ensinamentos

⁵ Afirmamos isto do ponto de vista das respostas dadas as entrevistas, mas sabemos que não existe momento algum que o ser humano deixa de aprender.

estruturantes para o restante dos conhecimentos compartilhados. Segundo esta pesquisa, percebe-se que os assentados veem a escola como uma instituição que os apresenta diversos conteúdos matemáticos, mas aqueles necessários para as relações sociais e atividades produtivas, são originados, difundidos e transmitidos no seio familiar.

Ao pesquisar-se um meio tão complexo que envolve luta, fome, miséria, sofrimento, desistência e esperança, teve-se o cuidado de não analisar somente aspectos verbais, mas perceber como eles descrevem, seu modo de agir, de sentirem-se bem ao contribuir, de perceberem a Matemática que desenvolvem diariamente, mesmo que não seja a que “observaram” nas escolas.

Perceber que o compartilhamento de saberes e fazeres e a compatibilização de comportamentos permitem que grupos culturais, influenciados por questões internas e externas, vão ganhando novos olhares e significados. Compreender cultura não define unicamente em perceber a ação do homem e dos seus enquanto grupo, mas compreender também sua constante transformação, que a busca pela transcendência e sobrevivência faz com que o ser humano, enquanto ser social realize escolhas, escolhendo o que fica e o que vai (material e imaterial).

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRÉ, M. E. D. A.; FAZENDA, I. (Orgs.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Tradução de José Fonseca. Consultoria, supervisão e revisão técnica de Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, J. P. de. Os Assentamentos Rurais de Reforma Agrária: novos espaços educativos no campo brasileiro. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS, 2, São Carlos, jun. 2005. **Anais [...]**. São Carlos: CREPA/UFSCar, 2005. Disponível em: http://www.crepa.ufscar.br/documentos/arquivos/ii-crepa/c1_t32/view. Acesso em: 20 dez. 2020.

BERGAMASCO, M. S.; NORDER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais**. Coleção Primeiros Passos. 87 p. São Paulo : Brasiliense, 1996.

BERTTI, M. S. **Memória Coletiva e Educação em Assentamentos Rurais Goianos**. Orientador: Jadir de Moraes Pessoa. 2002. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 2002.

BRASIL. Lei nº 4 504, de 30 de novembro de 1964. Dispõe sobre o Estatuto da Terra e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 nov. 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504compilada.htm. Acesso em: 20 dez. 2020.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: Arte ou técnica de explicar e conhecer**. São Paulo: Ática, 1990.

- D'AMBROSIO, U. Ethnomatemática and its first international congress. **Zentralblatt fur Didaktik der Mathematik**, v. 32, n. 2, p. 50-53, 1999.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Coleção Perspectivas em Educação Matemática. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.
- FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. **Investigação em educação matemática**: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- FLICK, I. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GABOARD JÚNIOR, A. A Importância da Produção na Agricultura Familiar para a Segurança Alimentar. In: JORNADA QUESTÃO AGRÁRIA E DESENVOLVIMENTO, PROJETOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., Paraná, nov. 2013. **Anais [...]**. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2013.
- KNIJNIK, G. Currículo, Etnomatemática e Educação Popular: um estudo em um assentamento do Movimento Sem-Terra. **Reflexão e Ação**: Revista do Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz. v. 10, n. 1, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://etnomatematica.org/articulos/reflexao101.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- KNIJNIK, G. Currículo, Etnomatemática e Educação Popular: um estudo em um assentamento do movimento sem terra. **Currículo sem Fronteiras**. v. 3, n. 1, p. 96-110, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/gelsa.htm>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, V. L. **Modernização agrícola no médio norte goiano: a feira como estratégias de sobrevivência do pequeno produtor rural**. Orientador: Jadir de Moraes Pessoa. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4097>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- MEDEIROS, S. L.; LEITE, S. **A formação dos assentamentos rurais no Brasil**: processos sociais e políticas públicas. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- MELO, T. B.; FANTINATO, M. C. C. B.; THEES, A. SILVEIRA, A.; SOARES, G. A. O. Programa Etnomatemática como Humanizador do Ensino de Matemática. In: CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13, Recife, jun. 2011. **Anais [...]**. p. 1-11. 2011. Disponível em: https://xiii.ciaem-redumate.org/index.php/xiii_ciaem/xiii_ciaem/paper/viewFile/1376/1092. Acesso em: 20 dez. 2020.
- MENDONÇA, L. H. S. **O meio ambiente na visão das crianças do assentamento “Chê Guevara” Itaberaí-GO**. Orientador: Ana Maria Curado Lins. 53 f. 2001. Monografia (Licenciatura Plena em Geografia) – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás, 2001.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Séries Manuais Acadêmicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- PASSOS, C. M. **Etnomatemática e Educação Matemática Crítica: conexões teóricas e práticas**. Orientadora: Jussara de Loiola Araújo. 150 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SANTANA, M. L. **A luta pela posse da terra no projeto de assentamento Chê-Guevara no município de Itaberaí-GO e sua realidade sócio-econômica e ambiental.** Orientador: José Braga Coelho. 99 f. 2008. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás, 2008.

SANTOS, N. F. **Assentamento Rural: Juventude e Trabalho.** Orientador: Jordão Horta Nunes. 94 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SILVA, J. P. **Conexões entre Etnomatemática e Educação do Campo: um estudo no Colégio Estadual Assentamento Virgilândia.** Orientadora: Susanne Tainá Ramalho Maciel. 51 f. 2013. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília, Planaltina, 2013.

SPRADLEY, J. **The Ethnographic Interview.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.